

# Microtrabalho de mulheres autistas no Tiktok: atomização do freakshow moderno

*Autistic women's microwork on TikTok: the  
atomization of the modern freakshow*

**Gabriela Pereira da Silva**<sup>1</sup>

Universidade Federal do Espírito Santo

**Maria Cristina Dadalto**<sup>2</sup>

Universidade Federal do Espírito Santo

## Resumo

Esta comunicação analisa o microtrabalho realizado por mulheres autistas na plataforma TikTok, compreendendo atividades como produção de vídeos, marketing de afiliados e outras ocupações como um fenômeno sociotécnico marcado pela espetacularização e precarização da deficiência. No cenário brasileiro, onde 85% dos autistas adultos estão desempregados, as plataformas digitais surgem como alternativas flexíveis de renda, mas que mascaram a exploração e a ausência de direitos. A pesquisa utiliza abordagem bibliográfica e observação não-participante em um grupo de mensagens instantâneas para investigar como a experiência dessas mulheres é transformada em capital algorítmico. O objetivo geral é analisar como o TikTok transforma a experiência cotidiana de mulheres autistas em precarização do microtrabalho, articulando esse fenômeno aos conceitos de cultura por Marshall Sahlins (1976), economia psíquica dos algoritmos (Bruno, Bentes e Falley, 2019), sociedade do espetáculo (Debord, 1967) e Internet 3E (Hine, 2015). Os resultados revelam que as mulheres autistas pertencem a dois grupos: as influencers que usam a bandeira do autismo como forma de engajamento, promoção do espectro e divulgação entre seus seguidores no Tiktok, e outro grupo que usa a plataforma como uma fonte de renda extra, alimentando os algoritmos de forma anônima. Os resultados demonstram que a deficiência é explorada como persona para entretenimento e alimentação algorítmica. A economia psíquica e a lógica do espetáculo explicam a transformação da existência em matéria-prima. A atuação da mulher autista é reduzida ao átomo, unidade mínima de trabalho, onde sua vida cotidiana e subjetividade são integralmente incorporadas como capital para a economia algorítmica contemporânea.

**Palavras-chave:** Autismo feminino. Microtrabalho. Algoritmo. Tiktok.

---

1 Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) – Brasil. E-mail: [symonpsg@hotmail.com](mailto:symonpsg@hotmail.com)

2 Doutora em Ciências Sociais e docente do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) – Brasil. E-mail: [mcdadalto@gmail.com](mailto:mcdadalto@gmail.com)

## Abstract

This paper analyzes the microwork performed by autistic women on the TikTok platform, understanding activities such as video production, affiliate marketing, and other occupations as a sociotechnical phenomenon marked by the spectacularization and precarization of disability. In the Brazilian context, where 85% of autistic adults are unemployed, digital platforms emerge as flexible income alternatives that nonetheless mask exploitation and the absence of labor rights. The research employs a bibliographic approach and non-participant observation within an instant messaging group to investigate how these women's experiences are transformed into algorithmic capital. The general objective is to analyze how TikTok transforms the daily lives of autistic women into the precarization of microwork, articulating this phenomenon with the concepts of culture by Marshall Sahlins (1976), "The psychic economy of algorithms" (Bruno, Bentes, and Faltay, 2019), "The society of the spectacle" (Debord, 1967), and the "E3 Internet" (Hine, 2015). The results reveal that these women belong to two groups: influencers who use the banner of autism as a means of engagement and advocacy among their followers, and another group that uses the platform as a source of extra income, anonymously feeding the algorithms. The findings demonstrate that disability is exploited as a persona for entertainment and algorithmic input. The psychic economy and the logic of the spectacle explain the transformation of existence into raw material. The autistic woman's labor is reduced to the atom, the minimum unit of work, where her daily life and subjectivity are fully incorporated as capital for the contemporary algorithmic economy.

**Keywords:** Autistic women's. Microwork. Algorithm. Tiktok

## Introdução

A proposta desta comunicação é explorar a complexa relação entre o microtrabalho<sup>3</sup>, precarização laboral de mulheres, com recorte focado às mulheres autistas, usuárias da plataforma de vídeos *Tiktok*<sup>4</sup> que atuam nesta plataforma com a finalidade de divulgação do Transtorno do Espectro Autista (TEA), obterem renda ou complementação de renda. O termo autismo é descrito pela psiquiatria para elencar comportamentos humanos que estão situados em torno do próprio indivíduo, ou seja, derivada da palavra grega *autós*, que significa por si mesmo e agregado do sufixo *ismo*, significa que as atividades do indivíduo autista indicam que seus comportamentos estão voltados para si mesmo (Orrú, 2024). O psiquiatra suíço Paul Eugen Bleuler foi pioneiro no uso do termo no ano de 1911 para relatar um conjunto de sintomas que refletiam extremo isolamento da vida afetiva e social que se pareciam com a esquizofrenia e, em meio aos estudos sobre esta condição, cria o conceito de autismo, com o tempo e estudos psiquiátricos posteriores de Léo Kanner, o autismo foi se afastando como um

3 Trabalho dividido em microtarefas ou pequenas partes de um trabalho como um todo, com baixa remuneração e sem amparo em políticas públicas de trabalho ou emprego. Normalmente se configura em espaços digitais com o objetivo de alimentação de dados em inteligências artificiais.

4 Rede social ou plataforma online de vídeos curtos, voltados ao entretenimento e monetização digital de conteúdo.

sintoma da esquizofrenia e se aproximou do transtorno de desenvolvimento, como é pacificado atualmente (Bleuler, 1916).

Apresentamos como objetivo geral dessa comunicação analisar como o TikTok transforma a experiência cotidiana de mulheres autistas em precarização do microtrabalho, articulando esse fenômeno aos conceitos de economia psíquica dos algoritmos (Bruno, Bentes e Falley, 2019), sociedade do espetáculo (Debord, 1967) e Internet 3E (Hine, 2015). A pesquisa adota uma abordagem bibliográfica de caráter qualitativo e exploratório, baseada na análise de obras teóricas e estudos contemporâneos sobre trabalho digital, algoritmos, cultura da performance e neurodiversidade e observação não-participante de quinze mulheres autistas em um grupo fechado de mensagens instantâneas. A análise foi complementada por dados de estudos sobre empregabilidade e vulnerabilidade de pessoas autistas no Brasil pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022).

Na plataforma Tiktok, cada ação da trabalhadora autista, seja postagens, interações e tempo gasto em vídeos, é desintegrada em “átomos de trabalho” e mensurada por algoritmos. Logo, a subjetividade é reduzida a dados e padrões de engajamento, e a produtora de conteúdo é incentivada a produzir mais para alimentar o sistema. A lógica da exploração não é nova, sendo argumentado por Guy Debord (1967, p. 15) que “o espetáculo absorve a vida real, transformando tudo em mercadoria”.

O comportamento autista, antes marginalizado, torna-se capital social, e as lutas cotidianas são convertidas em conteúdo para consumo. Assim como nos freakshows antigos mostrados em circos, onde a deficiência era exibida como entretenimento, no TikTok a deficiência feminina é explorada como persona, em capacidade de performar a própria condição, modulando o autismo como condição quase invisível para exemplificar experiências singulares humanas em uma relação social mediada por fragmentos audiovisuais, ou seja, recortes do cotidiano da mulher autista usado para representar uma parcela aceitável de si mesma (Debord, 1967). A autenticidade percebida do comportamento autista, vista como genuína, é apropriada como mercadoria de alto engajamento, levando à apropriação do “eu”, onde a autoexpressão é moldada para atender às expectativas algorítmicas, borrando a fronteira entre o “eu real” e o “eu performático”.

## O autismo feminino plataformizado

O autismo feminino é marcado por “menores dificuldades sociais, poucos déficits cognitivos e maiores índices de camuflagem” (Pereira e Castro, 2024, p. 37), o que acarreta positivamente em melhor desempenho escolar e negativamente na prevalência de comorbidades como ansiedade, depressão e comumente diagnósticos errôneos de outros transtornos psiquiátricos, o que leva ao diagnóstico tardio de autismo em meninas e mulheres. Embora tenham bons indicadores de desempenho escolar, mulheres autistas encontram dificuldades de participarem ativamente da vida social e do mercado de trabalho. Tais aspectos no mercado formal causam maior dificuldade na inserção desse público, seja por desigualdade de gênero, desigualdade salarial e educacional, e também por capacitismo.

Logo, essas mulheres são inseridas na informalidade e o microtrabalho se apresenta como uma alternativa de sustento da família, custeio de tratamentos e medicamentos, pagamento de cuidadores e flexibilidade no tempo de cuidado dos filhos. Logo, além de sofrer o estigma da deficiência, ainda sofre por ser mulher. Refletindo o aspecto social, a condição da mulher autista à medida que se desenvolve e tenta conduzir sua vida de maneira autônoma, dependendo do suporte que necessita, muitas vezes ela tem dificuldade de se inserir no mercado de trabalho, devido às suas limitações comportamentais e funcionais, e esses déficits trazem consequências, na maioria dos casos, mais graves do que para os homens autistas, visto que aquelas, em muitos países, inclusive no Brasil, ainda se encontram em acentuada posição de desvantagem. As mulheres autistas enfrentam, simultaneamente, os reflexos da histórica discriminação pelo simples fato de ser mulher, assim como convivem com toda a carga discriminatória em decorrência da deficiência, reflexos estes que levam ao desemprego ou informalidade no mercado de trabalho.

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, adotada pela Organização das Nações Unidas em 2006, define uma pessoa com deficiência como alguém que apresenta impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial. Esses impedimentos podem dificultar a participação plena e efetiva da pessoa na sociedade, em igualdade de condições com as demais. Antes do ano de 2012, com a inexistência da lei Berenice Piana (Lei nº. 12.764/2012) os autistas não eram formalmente reconhecidas como pessoas com deficiência e a promulgação da referida lei permitiu o estabelecimento da Política Nacional de Proteção aos Direitos de Pessoas com Transtorno do Espectro Autista, assegurando o acesso igualitário a empregos e oportunidades. Porém, na

prática, isso não acontece, pois de acordo com a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), 85% dos autistas estão fora do mercado de trabalho formal.

Porém, nesse percentual, não é possível mensurar o percentual de mulheres autistas desempregadas, mas considerando a ausência de adaptações no ambiente de trabalho, desconhecimento ou preconceito com mulheres autistas as empurram para a informalidade, onde o microtrabalho encontra terreno fértil para captar microtrabalhadoras para alimentação das plataformas digitais, impactando sua saúde física e mental, além da dignidade humana.

O microtrabalho realizado por mulheres no TikTok, seja produção de vídeos, transcrições de áudio, marketing afiliado de produtos e outras atividades virtuais representa um fenômeno sociotécnico complexo, marcado por precarização, vulnerabilidades biopsicossociais exploradas e espetacularização da deficiência. No cenário brasileiro, no qual há três vezes mais risco de suicídio de autistas em relação à população geral e 50% não têm apoio para atividades diárias, as plataformas digitais como o Tiktok surgem como alternativas consideradas “flexíveis” para obtenção de renda ou remuneração extra, mas que, na realidade, mascaram a ausência de direitos trabalhistas e a exploração destas atividades.

Nesse contexto, a mulher autista é reduzida à unidade mínima, o átomo do microtrabalho, elemento que expõe e fortalece um sistema de exploração baseado na fragmentação da subjetividade e na conversão da experiência pessoal em capital algorítmico. Esta produção se justifica pela relevância social, científica e crítica em compreender como as plataformas digitais reconfiguram a experiência de mulheres autistas no mundo do trabalho, com o intuito de compreender a dinâmica do microtrabalho realizado por mulheres autistas na plataforma TikTok, com foco em como seus comportamentos, experiências cotidianas e manifestações de neurodiversidade são modulados, apropriados e transformados em mercadoria algorítmica.

No Brasil há aproximadamente cinquenta plataformas de microtrabalho, sendo o Tiktok uma das mais conhecida delas e também de outras plataformas dedicadas ao nicho de produção audiovisual. O microtrabalho se apresenta como atividades simples, feitas de formas repetitivas, mas que pagam pouco e dependendo da atividade entregue, muitas vezes o trabalho é recusado, e o trabalhador é obrigado a refazê-lo. No Tiktok, o microtrabalho se caracteriza como produção e transcrição de vídeos e algumas vezes, marketing afiliados de produtos, jogos e sorteios. Porém, as mulheres autistas essas atividades não são simplesmente ocupações repetitivas, mas são seus hiperfocos transformados em conteúdos que transmitem suas personalidades, estilos de vida e “jeitos de ser”.

A atomização da mulher autista torna-se tão habitual que sua lógica passa despercebida, e a autenticidade, nesse contexto, se torna uma mercadoria e a performance do “eu” é o próprio conteúdo engajado, revelando a intersecção entre vulnerabilidade social, lógica algorítmica e espetacularização da diferença. A economia psíquica dos algoritmos, a sociedade do espetáculo e o conceito de internet corporificada ajudam a compreender a transformação da subjetividade em mercadoria e da vida cotidiana em capital. Destacamos que a cultura da performance autística feminina e a exploração algorítmica do microtrabalho da plataforma Tiktok são situações distintas, mas complementam-se, e o enfoque desta comunicação é frisar que a persona da mulher autista é reduzida ao átomo do microtrabalho digital, e sua existência se torna matéria-prima para a economia algorítmica.

Dos quinze perfis de mulheres autistas que atuam na plataforma Tiktok, três deles são perfis de influencers, que atuam na plataforma como produtoras de conteúdo sobre autismo feminino, seus hiperfocos, cotidiano, maternidade atípica e outros assuntos. Os doze perfis restantes atuam como alimentadores de algoritmos da referida plataforma, seja catalogando e realizando descrições de vídeos, legendas, participando de lives e sorteios para ganhar presentes e incentivos financeiros ou simplesmente assistem vídeos por longos períodos de tempo para terem alguma monetização.

É importante destacar que os perfis das autistas influencers também são monetizados quando alcançam os seguintes critérios: ter no mínimo dez mil seguidores, ter pelo menos cem mil visualizações nos últimos trinta dias. Quando esses perfis participam de transmissões ao vivo, os requisitos exigem pelo menos mil seguidores para abertura das lives e dez mil seguidores para receber presentes. E outra forma de monetização é através de parcerias com marcas. Conforme Rosenthal (2023, p. 8), “da parte dos criadores, o TikTok privilegia a busca pela viralização baseada em conteúdos autênticos, bem-humorados e inovadores”, o que pode atrair a atenção de marcas para futuras parcerias, porém, ainda de acordo com o autor:

Os criadores comportam-se conforme uma perspectiva de produzir conteúdo de um para muitos e a necessidade de se fazer interessante para que esse conteúdo chegue ao máximo de pessoas e seja compartilhado. A plataforma até mesmo facilita a viralização, ao disponibilizar na interface botões que permitem o acesso ao WhatsApp e a outras plataformas. Isso faz com que o conteúdo do TikTok seja objeto de conversas (e relacionamentos) em outras redes sociais, como já acontece com o Instagram, o Kwai e o YouTube, mas não de conversas na própria plataforma. (ROSENTHAL, 2023, p. 8)

Entretanto, o regime de microtrabalho algorítmico da plataforma também impõe precariedade e invisibilidade. Como aponta Fumagalli et al (2018), a produção de conteúdo

requer constante adaptação aos formatos, busca por visibilidade, e sujeita-se às métricas e decisões algorítmicas da plataforma. Dessa forma, para muitas autistas e criadoras de conteúdo, o TikTok representa uma oportunidade de expressão, autonomia e possível geração de renda, mas, ao mesmo tempo, a exposição aos estímulos traz sobrecarga sensorial e instabilidade. A plataforma combina tanto elementos de microtrabalho, como tarefas repetidas, exigência de produção contínua, lógica de engajamento na qual visibilidade se converte em valor. Assim, a visibilidade conquistada e mantida no TikTok torna-se forma de capital simbólico que pode favorecer os criadores, mas somente se os critérios algorítmicos, estéticos e de engajamento forem atingidos.

Em suma, a TikTok exemplifica como a neurodiversidade trazida pelo autismo, os interesses especializados e o engajamento numa plataforma de vídeo curto podem se cruzar com a lógica de microtrabalho digital: o que para algumas mulheres autistas, seus hiperfocos viram produção de conteúdo digital, o alcance desses conteúdos trazem visibilidade e talvez renda; entretanto, essa transição não elimina as forças de poder simbólico, as exigências algorítmicas e a precariedade subjacente no regime de plataforma.

### **A “cultura autista” no tiktok: mulheres influencers, símbolos e a sociedade do espetáculo na era digital**

A ascensão do TikTok como uma plataforma de expressão e comunidade tem proporcionado um espaço agregador para grupos identitários que, historicamente, foram marginalizados ou silenciados. Entre eles, a emergente "cultura autista", em especial a articulada pelas três mulheres autistas que se denominam influencers no grupo fechado de mensagens instantâneas, se destacando como um fenômeno contemporâneo. Um dado em comum entre elas é que são profissionais da área da saúde e possuem mais de dez mil seguidores nesta rede social, este é o primeiro grupo a ser analisado. Elas relatam que o intuito delas não é necessariamente ter uma fonte de renda, já que elas possuem empregos formais, mas se o conteúdo gera dinheiro, é uma forma de complementar o salário.

Cabe mencionar que embora seja um grupo fechado, qualquer mulher autista pode entrar, desde que apresente o laudo médico comprovando que realmente está no espectro. O grupo tem dezessete membros, sendo três influencers, doze mulheres que apenas usam a plataforma Tiktok como fonte de renda de forma anônima, a administradora do grupo que não informou se possui conta na plataforma e a autora deste trabalho. A forma de coleta de dados

foi através da observação não-participante, na qual a pesquisadora não se envolveu diretamente nas atividades do grupo. De acordo com Marconi e Lakatos (2008, p. 78):

Na observação não-participante, o pesquisador toma contato com a comunidade, grupo ou realidade estudada, mas sem integrar-se a ela: permanece de fora. Presencia o fato, mas não participa dele; não se deixa envolver pelas situações; faz mais o papel de espectador. Isso, porém, não quer dizer que a observação não seja consciente, dirigida, ordenada para um fim determinado. O procedimento tem caráter sistemático.

O objetivo do grupo é misto, ou seja, permite a divulgação de lives, jogos, sorteios e também a produção de vídeos pelas próprias autistas, compartilhando suas rotinas de trabalho e estudos, hobbies, maternidade autista e assuntos correlatos. A frequência de postagem no grupo é de pelo menos uma vez por dia. Longe de ser apenas uma plataforma de vídeos para compartilhar experiências pessoais, o TikTok se tornou um laboratório sociocultural onde as autistas, muitas delas diagnosticadas na idade adulta, estão construindo um sistema de significados, símbolos e identidades que desafia as narrativas médicas e sociais estabelecidas. Para compreender a profundidade desse movimento, é fundamental recorrer à teoria de cultura defendida por Marshall Sahlins (1976) e também a sociedade do espetáculo de Guy Debord (1967).

Sahlins rechaçou a perspectiva de cultura como um modesto mecanismo de adaptação ou reflexo de necessidades biológicas. Para o autor, a cultura é substancialmente um sistema simbólico, configurado como "organização do significado", onde os objetos, eventos e relações humanas adquirem sentido através de um código cultural. Em sua obra "Cultura e razão prática" (1976), Sahlins ressalta que a cultura não é uma resposta à utilidade, mas a própria "razão" que conduz a ação humana. Ele destaca que a cultura não é uma categoria de resposta utilitária a alguma necessidade prática, mas um conjunto de símbolos que torna a necessidade significativa. Essa perspectiva é fundamental para compreender a cultura autista transmitida sob a ótica das mulheres inseridas no espaço virtual da plataforma TikTok. Os comportamentos e experiências das mulheres autistas, que o sistema biopsicossocial rotula como "déficits", "insuficiências" ou "sintomas", são reinterpretados dentro da comunidade como indícios de uma individualidade compartilhada e válida. A cultura, para Sahlins, é a maneira pela qual "a sociedade é pensada em termos de um sistema de classificações", sendo justamente isso que acontece de forma online, onde novas organizações e categorias são criadas para dar sentido às experiências autistas, que podem ser retratadas de forma diferente do offline.

A tese de Sahlins se molda diretamente na análise da cultura autista no TikTok, especificamente através de seu conceito de estrutura de conjuntura. Sahlins empregou esta concepção para explicar como as estruturas culturais anteriores (mitos, categorias, rituais) são reinterpretadas e modificadas quando confrontadas com novos acontecimentos ou encontros. No contexto autista do TikTok, a "conjuntura" é a própria plataforma digital, que oferece um novo ambiente para a interação. Os "paradigmas" predecessores são, por um lado, o diagnóstico tardio de autismo em mulheres (frequentemente confundido com outras condições psiquiátricas, como transtornos de ansiedade, Transtorno de Déficit de Atenção (TDAH) ou transtornos de personalidade) e, por outro, a representação estereotipada de autismo como um fenômeno majoritariamente masculino.

Na era digital, essa conjuntura permite que mulheres autistas se conectem e, juntas, desmitifiquem e reestrutorem o significado de sua própria neurodivergência. O que antes era interiorizado como "fracasso social" ou "estranheza", por exemplo, o *masking* (o ato de reduzir/suprimir comportamentos autistas para se encaixar em estratos ou convenções sociais), torna-se um símbolo compartilhado de resiliência. Vídeos que usam atitudes virais para ironizar as tentativas de "agir normalmente" são mais do que meros memes<sup>5</sup>; são rituais de apoio que revelam uma dor silenciosa, transformando a vergonha em reconhecimento mútuo.

De forma análoga, os *stims* (movimentos repetitivos para autorregulação sensorial, como balançar as mãos ou brincar com objetos) são reinterpretados. Longe de serem apenas atitudes comportamentais a serem controladas, as gravações de *stims* em *reels*<sup>6</sup> no TikTok funcionam como celebração de expressão sensorial e uma demonstração de autoaceitação. São, na visão de Sahlins, "símbolos que adquirem seu significado de seu lugar em um sistema de classificações". O *stim*, nesse novo contexto cultural, deixa de ser um "sintoma" para se tornar um "signo" de pertencimento.

No entanto, Debord (1967, p. 39), ressalta que “o mundo ao mesmo tempo presente e ausente que o espetáculo apresenta é o mundo da mercadoria dominando tudo que é vivido”, de forma latente, e para que o algoritmo entregue o conteúdo, a vivência autista é encapsulada em reels e transformada em mercadoria cultural. O espetáculo necessita que a vida autista seja visível para se tornar realidade, porém, despersonalizando a mulher de sua experiência

---

5 Referência a uma imagem, vídeo ou texto que se espalha rapidamente pela internet de forma humorística

6 Reels era um recurso originalmente elaborado pela rede social *Instagram* no ano de 2020, que permite aos usuários criarem e compartilharem vídeos curtos em formato vertical com duração de até 90 segundos. Com o tempo, este conceito migrou para outras plataformas

subjetiva, tornando-a um freakshow moderno. No Tiktok, a persona autista pode estar presente fisicamente pelo masking, mas sua verdadeira essência está escondida em camadas editáveis e roteiros padronizados para adequação ao que o público espera de uma autista de alto funcionamento. E mesmo que o roteiro seja sobre ser “ela mesma”, isso ocorre em um palco, tornando-a vulnerável em um espetáculo.

A cultura autista no TikTok é, portanto, a manifestação do conceito de cultura de Sahlins. Demonstra de que a cultura não é algo inerte, mas um sistema ativo de significados que se adapta e se transforma. A comunidade autista no TikTok utiliza um vocabulário próprio (como por exemplo "shutdown"<sup>7</sup> e "stim toys"<sup>8</sup>), símbolos visuais e rituais de interação digital para criar um recinto onde a experiência autista de mulheres é validada, celebrada e, mais importante, compreendida a partir de suas próprias observações, e não olhares externos. Ao fazer isso, elas não estão apenas compartilhando informações; estão, de fato, construindo um universo simbólico e estilo de vida que desafia e insurge a visão dominante. O TikTok, nesse sentido, se torna o palco onde um grupo historicamente desprovido de uma voz coletiva encontra as possibilidades para construir sua própria cultura, seu próprio sistema de significados e, finalmente, sua própria razão de ser e pertencer.

### **Átomos de trabalho e invisibilidade: a exploração algorítmica e a economia psíquica de mulheres autistas no tiktok**

A segunda categoria de mulheres autistas descritas no grupo de mensagens instantâneas é formada por doze integrantes, que diferente das autistas influencers, elas operam no Tiktok de forma mais anônima, fazendo descrição de vídeos, legendas, assistem vídeos por horas ou alternam com outras ocupações formais e podem dedicar muitas horas do dia cumprindo pequenas tarefas, configurando microtrabalho. Conforme análise de Ferraz e Costa (2024, p. 26):

Estas tarefas são as mais diversas e são cruciais para o funcionamento adequado de uma série de aplicativos, sites, sistemas e mecanismos de buscas porque os alimenta com dados. Sem dados não há Inteligência Artificial, como sugere o nome, já que a Inteligência é provocada e não naturalmente generativa como a humana. As microtarefas incluem respostas à questionários, pesquisas de mercado, testes de aplicativos e serviços de catalogação de imagens, áudios e vídeos a partir das

---

7 Meltdown se refere a um estado de intensa sobrecarga sensorial onde o autista em crise pode ficar catatônico, desmaiar ou até mesmo passar horas em repouso para se recuperar de estímulos intensos.

8 Brinquedos ou objetos de regulação sensorial

categorias disponíveis, inclusive alertando sobre a existência de conteúdos de insinuação sexual ou imprópria. As atividades dos microtrabalhadores são tão importantes, apesar de insidiosas, que é importante que se lance luz sobre quem as executa.

Bruno, Bentes e Falley (2019, p. 6) descrevem as plataformas digitais como “laboratórios de plataforma, espaços que modulam o comportamento humano ao explorar vulnerabilidades cognitivas e emocionais”. Nesses ambientes, cada ação da trabalhadora autista, seja postagens, interações e tempo gasto em vídeos, é desintegrada em “átomos de trabalho” e mensurada por algoritmos. Logo, a subjetividade é reduzida a dados e padrões de engajamento, e a produtora de conteúdo é incentivada a produzir mais para alimentar o sistema. Ferraz e Costa frisam que:

As tarefas são as mais diversas, mas o que têm em comum são sua baixa complexidade, o fato de que podem ser realizadas de qualquer lugar e em qualquer horário, desde que haja acesso à internet e um computador. Logo, se tornaram naturalmente atraentes para as mulheres dentro do contexto patriarcal em que estão inseridas, a partir da lógica do cuidado, do trabalho invisível realizado diuturnamente com as atividades domésticas ou de cuidado das crianças, enfermos e idosos no interior do lar. FERRAZ e COSTA (2024, p. 32)

Algumas mulheres autistas do segundo grupo têm filhos, às vezes exercem maternidade atípica, pois os filhos também estão no espectro. Somada a essa condição, são responsáveis financeiras pela família, cuidando também dos pais, avós ou cônjuges. As mulheres autistas são as mais afetadas pelos impactos negativos dessa atividade não regulamentada, devido à dupla jornada que as sobrecarregam sensorialmente e pela baixa remuneração que o Tiktok oferta. De forma a aumentar a remuneração, algumas mulheres do segundo grupo relataram que passaram a ficar acordadas de madrugada “cumprindo desafios” para aumentar os ganhos por visualização de vídeos, fazendo com que a internet não seja só um espaço virtual separado da vida delas, mas um ambiente acessório ao corpo, através de smartphones, smartwatches, tablets e outros objetos que frequentemente lembram que o corpo precisa estar online e conectado a partir do momento que acorda até a hora de dormir.

Christine Hine (2015, p. 28) amplia essa discussão ao propor a noção de Internet incorporada, corporificada e cotidiana como uma “infraestrutura que oferece um meio para fazer outras coisas”, inclusive moldando comportamentos e naturalizando a precarização. A atomização da mulher autista torna-se tão habitual que sua lógica passa despercebida, e a autenticidade, nesse contexto, se torna uma mercadoria e a performance do “eu” é o próprio conteúdo engajado.

Outras mulheres do segundo grupo relatam que a insegurança financeira de não saber quanto e quando vai receber a remuneração esperada, gera desconfortos como dores de cabeça, ansiedade, taquicardia e outros sintomas que revelam que o microtrabalho traz impactos negativos na saúde física e mental desse público. Elas mantêm também outras ocupações que possam executar em casa, como artesanato, venda de comida por aplicativo ou outras atividades que não dependem de deslocamento, alternando entre essas atividades do mundo real e as do mundo virtual.

O Tiktok é operado facilmente devido ao seu formato dinâmico, intuitivo e acessível à expressão criativa. Diferente de outras redes sociais que priorizam interações textuais e rápidas, o TikTok favorece conteúdos audiovisuais curtos, permitindo que usuárias comuniquem-se de modo direto e espontâneo, sem depender de habilidades sociais tradicionais. A plataforma oferece algoritmos que ampliam o alcance orgânico, facilitando a monetização e a visibilidade de criadoras independentes. Além disso, sua estrutura baseada em tendências e nichos permite que mulheres autistas encontrem comunidades acolhedoras, reduzindo barreiras comunicacionais e o estresse social característico de outros espaços digitais. Assim, o TikTok se mostra um ambiente propício à autonomia econômica, à autoexpressão e à inclusão digital de mulheres no espectro autista, transformando a criação de conteúdo em uma forma acessível e significativa de microtrabalho.

No entanto, essa inserção frequentemente configura um processo de cooptação neoliberal, em que o discurso de “empreendedorismo” e “autonomia” encobre a precarização e a falta de direitos trabalhistas. O TikTok, embora pareça um espaço democrático, impõe barreiras invisíveis: o algoritmo prioriza conteúdos de alta performance emocional e estética, o que pressiona criadoras autistas do primeiro grupo a adotar comportamentos neurotípicos (masking) para alcançar visibilidade. Essa exigência de constante exposição e adaptação gera sobrecarga emocional e reforça a exclusão de quem não se enquadra nos padrões visuais e comunicativos dominantes. Quanto ao segundo grupo, as mulheres precisam estar conectadas várias horas por dia para alcance mínimo do valor diário que consideram suficiente para atendimento das suas necessidades básicas.

Além disso, as barreiras de acesso tecnológico e financeira, como a necessidade de equipamentos adequados, conexão estável e compreensão das regras da plataforma, dificultam a participação plena. A falta de transparência nas políticas de monetização, a instabilidade do algoritmo e a censura automatizada também restringem a sustentabilidade desse tipo de trabalho. Assim, embora o TikTok funcione como uma via alternativa de expressão e renda,

ele reproduz, sob novas formas, as desigualdades e exclusões do mercado formal, transformando a busca por autonomia das mulheres autistas em mais uma forma de vulnerabilidade e exploração digital.

O impacto do microtrabalho no Tiktok desenvolvido pela mulher autista, como atividade não-regulamentada, nesse sentido, se refere à incerteza se haverá atividades para fazer no dia seguinte, qual tema ou ideia de produção de vídeos a autista deve fazer para manter o seu público engajado, o que evitar falar, se envolver ou não em polêmicas para não perder seguidores, ou ainda, se estará bem de saúde, com condições físicas e psicológicas em alimentar conteúdos em suas páginas. As atividades vinculadas às plataformas digitais são unilaterais em uma conjuntura dominada pela máquina, que determina pela força algorítmica quais elementos humanos devem ser silenciados e invisibilizados (Fincato e Lemonge, 2021).

A luta por visibilidade e reconhecimento no Tik Tok não é uma luta pelo poder de definir a si mesmas e suas experiências, mas sim uma luta pela sobrevivência em um sistema que as instrumentaliza. O que parece ser uma forma de poder, é uma ilusão de poder. A autonomia prometida pela plataforma é, na realidade, uma forma de controle que se exerce através de mecanismos invisíveis e algorítmicos. O trabalho das mulheres autistas no Tik Tok, portanto, nos força a questionar a natureza do poder na era digital: quem realmente detém o poder de definir o que tem valor, de controlar a visibilidade e de explorar a força de trabalho disfarçada de criatividade e autonomia.

O microtrabalho no Tik Tok vai além da microremuneração direta. É um trabalho de tradução cultural e de autodefesa. Ao criar conteúdo sobre o autismo feminino, as mulheres autistas estão decifrando suas próprias experiências internas e traduzindo-as para um público mais amplo, ou seja, modulando comportamentos para que outras mulheres autistas se engajem e se sintam pertencentes a este meio. Em uma sociedade que historicamente patologizou e invisibilizou o autismo em mulheres, esses vídeos se tornam uma fonte de contranarrativas. Estas iniciativas contrariam o estereótipo do autista predominantemente masculino, genial e socialmente inábil, como também revelam a heterogeneidade e a complexidade do espectro autista.

Enquanto mulheres do primeiro grupo buscam engajamento para a promoção e divulgação do autismo como um espectro e “modo de ser”, “cultura autista” e visibilidade quanto ao transtorno, as mulheres do segundo grupo buscam ganhar dinheiro de forma autônoma, invisível e atomizada, realizando microtarefas até o limite diário que seus corpos e mentes aguentam, alternando cuidados familiares e dupla jornada. Os dois grupos

demonstram que, apesar das diferentes finalidades, a exposição da mulher autista na plataforma Tiktok é repleto de riscos e incertezas, mediante mudanças na política de algoritmos, levando essas mulheres à dependência algorítmica para manterem as métricas que sustentam as plataformas de inteligência artificial.

### **Considerações finais**

Os resultados deste levantamento bibliográfico e observação não-participante revelam a intersecção entre vulnerabilidade social, lógica algorítmica e espetacularização da diferença. A economia psíquica dos algoritmos, a sociedade do espetáculo e o conceito de internet corporificada ajudam a compreender a transformação da subjetividade em mercadoria e da vida cotidiana em capital. Destacamos que a cultura da performance autística feminina e a exploração algorítmica do microtrabalho da plataforma Tiktok são situações distintas, mas complementam-se, e o enfoque desta comunicação é frisar que a persona da mulher autista é reduzida ao átomo do microtrabalho digital, e sua existência se torna matéria-prima para a economia algorítmica.

A ascensão do TikTok como plataforma de expressão permitiu que mulheres autistas criassem a sua própria cultura autista, um espaço de pertencimento e validação que desafia as narrativas sociais predestinadas. Elas usam a plataforma para reinterpretar e modular comportamentos, antes vistos como "déficits", como símbolos de uma identidade compartilhada. Fenômenos como o *masking* são ressignificados de "problemáticos" para atos de resiliência, e os *stims* deixam de ser "sintomas" para se tornarem "signos" de pertencimento à comunidade virtual criada. Essa geração de conteúdo vai além da mera busca por remuneração; é um trabalho de inserção cultural e de autoaceitação, uma forma de educação e ativismo que constrói uma comunidade, desmistifica estereótipos e promove o reconhecimento da deficiência, que passa do conceito biomédico de transtorno, para identidade.

A criação de conteúdo no Tiktok é, na verdade, uma forma de microtrabalho precarizado, embora este seja também subordinado por aplicativo. As criadoras autistas, sejam influencers ou anônimas, embora pareçam emancipadas, estão submetidas a uma lógica de exploração que, longe de ser transformadora, reproduz as dinâmicas do capitalismo clássico. Elas trabalham sem garantias, sem direitos trabalhistas e dependem de um sistema algorítmico que pode, a qualquer momento, dependendo das dinâmicas comportamentais,

reduzir seu rendimento e monetização. Essa precarização é ainda mais acentuada para mulheres autistas que, muitas vezes, enfrentam desafios adicionais em suas vidas pessoais e profissionais, sendo o microtrabalho muitas vezes, a única fonte de renda acessível.

## Referências

BLEULER, Eugen. **Lehrbuch der psychiatrie**. Berlin: Verlag von Julius Springer, 1916.

BRASIL. **Lei nº. 12.764, de 27 de dezembro de 2012 (Lei Berenice Piana)**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, DF. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm). Acesso em 15 out. 2025.

BRUNO, Fernanda Glória; BENTES, Anna Carolina Franco; FALLEY., Paulo. Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma: mercado, ciência e modulação do comportamento. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 26, n. 3, 27 dez. 2019. DOI: 10.15448/1980-3729.2019.3.33095

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Paris: Buchet-Chastel, 1967.

FERRAZ, Deise Brião; Costa, Marli Marlene M. da. Microtrabalho na inteligência artificial: direitos fundamentais das mulheres e a ética do cuidado. **Revista Brasileira de Sociologia do Direito**, v. 11, n. 2, maio/ago.2024. Disponível em <https://revista.abrasd.com.br/index.php/rbsd/article/view/807/354>. Acesso em: 12 jul. 2024.

FINCATO, Denise Pires; LEMONJE, Julise Carolina. Microtrabalho e inteligência artificial: desafios à fruição da dignidade humana em meio à aprendizagem de máquina. **Revista RDP**. Brasília, v. 18, n. 100. p. 407 – 427, out./dez. 2021.

FUMAGALLI, A... et al. Digital labour in the platform economy: the case of Facebook. **Sustainability**, v. 10, n. 6, p. 1757, 2018. DOI: 10.3390/su10061757. Acesso em 23 out. 2025

HINE, Christine. **Ethnography for the Internet: embedded, embodied and everyday**. Londres: Bloomsbury, 2015. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.4324/9781003085348/ethnography-internet-christine-hine>. Acesso em: 6 out. 2025

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022: pessoas com deficiência e pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista –Resultados preliminares da amostra**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 7 out. 2025

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. Disponível em <https://www.mds.gov.br/webarquivos/Oficina%20PCF/JUSTI%C3%87A%20E%20CIDADANIA/convencao-e-lbi-pdf.pdf>. Acesso em 7 out. 2025

ORRÚ, Sílvia Ester. **O autismo em meninas e mulheres: diferença e interseccionalidade**. Petrópolis: Vozes, 2024

PEREIRA, Lygia; CASTRO, Thiago (Coord.). **Espectro autista feminino: invisibilidade, diagnóstico e perspectivas**. São Paulo: Literare Books Internacional, 2024

ROSENTHAL, Benjamin. **Marketing do caleidoscópio do Tiktok**: Fazer comunicação de marca na plataforma digital mais valiosa do mundo exige maior atenção ao conteúdo do que à rede de seguidores. São Paulo: FGV, 2023. Disponível em: [https://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/u949/benjaminrosenthal\\_marketing\\_no\\_caleidoscopio\\_do\\_tiktok.pdf](https://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/u949/benjaminrosenthal_marketing_no_caleidoscopio_do_tiktok.pdf). Acesso em 20 mar. 2026

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.